

Sojicultura II

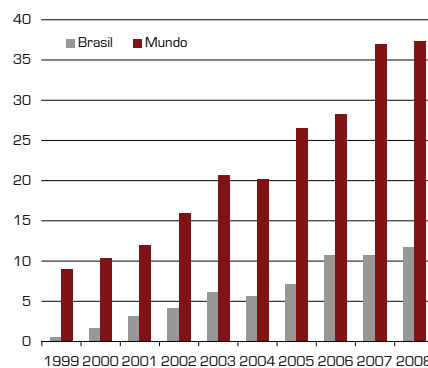
O gigante chinês

A CADEIA produtiva da soja, uma das maiores entre os produtos agrícolas de larga escala da China, envolve o plantio, esmagamento e a oferta de óleo e farelo para as criações. Depois de entrar na Organização Mundial do Comércio, em 2001, o setor passou por profundas mudanças, com:

- Aumento das importações;
- Maciços investimentos de capital e em tecnologia pelas empresas de processamento.

De fato, a China mudou seu perfil na comercialização externa da soja nos pós-80s. Até então, estava na condição de exportador líquido, com embarques anuais de aproximadamente 1,71 milhão de toneladas. De 1995 a 2000, enquanto as suas importações anuais cresciam, a suas exportações entraram em queda. Já entre 2000 e 2008, os volumes das importações cresceram substancialmente em 259,3%, de 10,4 para 37,4 milhões de toneladas. Do lado da produção assiste-se a uma estabilidade de volume,

Exportação de soja para a China (milhões de t)



Fonte: USDA

que foi de 15,5 milhões de toneladas em 2008.

A ampliação da 'liberalização' do comércio mundial e a entrada da China na OMC, trouxeram nova onda para o *boom* de soja, principalmente no Brasil, com a ocupação crescente da lavoura na Região Centro-Oeste. É claro que isso trouxe outro tipo de problema na área interna-

cional com relação ao desmatamento e às queimadas na Amazonas, cujo tema entrou como prioridade na agenda da cadeia produtiva. A moratória¹ e a *round table*² do produto fazem parte do desdobramento dessa realidade emergente nas questões negociais.

Embora seja o maior país importador mundial de soja, as empresas chinesas são tomadoras dos preços formados na Bolsa de Chicago. Nada surpreendente, pois com uma participação superior a 90% na comercialização global da soja, as empresas americanas exercem papel importante na formação do preço mundial da *commodity*.

Como são afetados pelos ajustamentos do mercado e têm dependências na importação de soja para manterem as suas produções, as empresas processadoras chinesas correm riscos de grandes perdas no comércio internacional. Em 2004, algumas empresas importadoras da China tiveram prejuízo e cerraram as portas, por que tiveram que desovar seus estoques, os



quais foram formados quando os preços estavam elevados.

Sem grandes barreiras de entrada e alto índice de aproveitamento das oportunidades no mercado chinês, as empresas de grãos planejaram com sucesso a extensão de seus negócios da parte comercial para o processamento.

Na China, o grau de autossuficiência com relação à soja, de 40%, tende a cair, enquanto o preço interno sofre enorme variação, em função do fluxo dos volumes importados. A direção da cadeia produtiva da soja na China dependerá do interes-

se dos fundos estrangeiros, com relação a três metas básicas:

- 1° Vender mais soja;
- 2° Ganhar maior participação no mercado;
- 3° Lucratividade no mercado internacional por meio de empresas chinesas;

Na verdade, os fundos estrangeiros e as empresas de grãos e óleos buscam integrar a produção agrícola, o processamento e o comércio, para maiores ganhos e lucros operacionais na China. No final de 2008, 70% das fábricas processadoras eram controladas por fundos estrangei-

ros, e 80% da capacidade processadora de soja eram mantidas por empresas de grãos internacionais.

Assim, se durante muitos anos, Roterdã foi o principal comprador de soja, em curto espaço de tempo, o lugar foi ocupado pela China, para onde cerca de 30% da soja em grão são canalizados por via marítima. Dos Estados Unidos e da Argentina, saem os fluxos mais intensos, ao redor de 40% e 70%, respectivamente.

As autoridades chinesas estão precucupadas com o rápido crescimento e forma desorganizada das unidades esmagadoras: são 169 unidades com capacidade de esmagamento de 70,0 milhões de toneladas. A taxa de ociosidade não pode aumentar mais, sob pena de levar a um acirramento predatório entre as empresas.

Com tudo isso, em meio à recessão global, a China tem o papel de tábua de salvação das exportações, como as brasileiras, com um crescimento de 6%. Em março último, pela primeira vez, o país foi o principal destino dos produtos nacionais, desbancando a liderança histórica dos Estados Unidos. A soja aparece com um dos principais produtos beneficiados, além de celulose, minério de ferro e petróleo.

Com a crise global, o governo chinês decidiu injetar quase US\$ 600 bilhões na economia. O objetivo é estimular os negócios e mudar o modelo de economia exportadora para outro, voltado para o mercado interno. Esse pacote tem repercussões diretas no Brasil.

Outra medida foi o plano traçado para tornar o país autossuficiente em alguns produtos agrícolas. Como apenas 10% do território são apropriados para a agricultura, a China poderá aumentar as importações dos produtos fora da prioridade no plano de autossuficiência. É o caso da soja, o principal produto de exportação das lavouras brasileiras. ■

Prioridade na formação de estoque

No ano safra corrente, que termina em agosto, os estoques de soja na China correspondem a mais da metade do volume colhido na Argentina e a um terço da produção brasileira, respectivamente, terceiro e segundo maiores produtores mundiais do grão.

A quantidade de soja importada pelo país asiático na atual temporada, de 18,3 milhões de toneladas, excede as perdas ocorridas na produção dos principais exportadores na América do Sul. No conjunto, a colheita do Brasil, da Argentina, do Paraguai, da Bolívia e do Uruguai, diminuiu de perto de 19,0 milhões de toneladas para 96,0 milhões de toneladas no início de 2009. Os números variam conforme a fonte.

Até a melhor definição da safra americana, no final de agosto, o balanço de oferta e demanda mundial está *sub judice*. Apesar da significativa queda na produção, o Brasil e os Estados Unidos aumentam seus embarques para a China.

O volume de soja comercializado no mercado internacional até o final deste primeiro semestre deverá ficar próximo do número projetado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, em inglês) para todo o ano agrícola: 33,75 milhões de toneladas, dos quais mais da metade foi adquirido pela China, para ampliar suas reservas e garantir a segurança alimentar.

Com a elevada quantidade estocada, o país terá a alternativa de comprar no segundo semestre a nova safra de soja por um preço menor e vender uma parte da safra antiga. Será que o gigante asiático começa a trazer outros fundamentos para o mercado, na condição de influenciar as cotações pelo lado da compra, com a estratégia de jogar na frente exportadora para países da União Europeia e Índia?

A hipótese de a China investir parte de suas reservas internacionais na construção de um estoque de 50 milhões de toneladas de soja parece descartável ante as dificuldades com armazenamento. O número corresponde a um ano de consumo da China e a dois terços da soja comercializada no mundo. Os negócios globais para a safra 2008/09 são estimados em 73 milhões de toneladas, segundo o USDA.

Os futuros de soja negociados na Bolsa de Chicago (Cbot) batem em patamares elevados em relação aos últimos nove meses no contrato *spot*. Um comportamento típico desse período inicial do plantio norte-americano, associado neste ano com a demanda estável e o aperto na oferta com a menor produção da América do Sul. A especulação fica bem mais forte. O USDA projeta que os estoques americanos cairão para 3,53 milhões de toneladas no fim do ciclo 2008/09, correspondente a 4,3% do seu consumo anual, mas as consultorias apostam em volumes menores.

1. Moratória: comprometimento da Associação Brasileira de Óleos Vegetais e da Associação Nacional dos Exportadores de grãos, assinado em 24 de julho de 2006, de não comercializar soja de áreas que foram deflorestadas dentro do Bioma Amazônia.

2. Round table: fórum internacional sobre sustentabilidade, em que participam instituições relacionadas a cadeia produtiva da soja.